

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
PÓS-GRADUAÇÃO A DISTÂNCIA ESPECIALIZAÇÃO LATO SENSU  
GESTÃO EDUCACIONAL**

**A INFLUÊNCIA DA AFETIVIDADE  
NA MUDANÇA E QUALIDADE EDUCACIONAL**

**PÓS-GRADUAÇÃO EM GESTÃO EDUCACIONAL**

**Liane Krüger Samuel**

**Sarandi, RS, Brasil.  
2010**

# **A INFLUÊNCIA DA AFETIVIDADE NA MUDANÇA E QUALIDADE EDUCACIONAL.**

**por**

**Liane Krüger Samuel**

Dissertação apresentada ao Curso de pós-Graduação a Distância em Gestão Educacional, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Especialista em Gestão Educacional.**

**Orientador: Professor Clóvis Renan Guterres**

**Sarandi, RS, Brasil  
2010**

**Universidade Federal de Santa Maria  
Pós Graduação a Distância Especialização Latu Sensu  
Gestão Educacional**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,  
aprova a Dissertação de Mestrado

**A INFLUÊNCIA DA AFETIVIDADE NA MUDANÇA E  
QUALIDADE EDUCACIONAL**

Elaborada por  
**Liane Krüger Samuel**

**Como requisito parcial para obtenção do grau de  
Especialista em Gestão Educacional**

**Clóvis Renan Guterres. Dr. (UFSM)**

(Presidente/Orientador)

**Franciele Roos da Silva Ilha, Mestre (UFSM)**

**Mariglei Severo Maraschin, Mestre (UFSM)**

**Oséias santos de Oliveira, Mestre (UFSM)**

Sarandi, 17 de setembro de 2010

*Dedico este trabalho, a minha mãe e em especial a Deus, pela força suprema para superar os obstáculos.*

*Agradeço a todas as pessoas que contribuíram para a realização desta pesquisa. Agradeço principalmente a minha família pela compreensão, dedicação e paciência ao longo do trabalho.*

*Aos mestres: em especial ao orientador professor Clovis Renan Guterres, pela disponibilidade, responsabilidade e dedicação que conduziu a orientação da monografia.*

*“Este é o meu mandamento: Amai-vos uns aos outros como eu vos amo.” João 15,9*

## **RESUMO**

O presente trabalho consiste em investigar a relevância das relações afetivas entre gestores, professores e alunos para a Mudança e Qualidade Educacional. Para isso, fez-se necessário realizar uma pesquisa de cunho qualitativo, através de uma entrevista semi estruturada, envolvendo alunos de 7ª série, professores e gestores de duas escolas do município de Sarandi, (RS). A pesquisa ressalta a importância da afetividade na mudança e qualidade educacional, bem como fator fundamental para solucionar muitos dos problemas e obstáculos enfrentados pela educação. Através das entrevistas realizadas e analisadas, concluiu-se que os relacionamentos afetivos entre professores, alunos e gestores, propiciam um melhor aproveitamento escolar e a formação de verdadeiros cidadãos, felizes, capazes, conscientes, participativos e solidários. Comprovou-se que, Afeto é indispensável para a construção de uma sociedade melhor e para mudança significativa na qualidade educacional.

Palavras-chave: afetividade; relações interpessoais; aprendizagem significativa.

## **ABSTRACT**

The present work has the objective to investigate the relevance of affectionate relations among administrators, teachers and students for change and educational quality. That's why, it was necessary to do a qualitative research through a semi-structured, involving students from seventh (7th) grade, teachers and administrators at two schools in Sarandi RS. The research highlights the importance of affection in change and educational quality, as well as elementary factor to solve a lot of problems and obstacles faced by education. Through interviews done and analyzed, it was concluded that affective relationship among teachers, students and administrators, provide a better performance at school developing the training of citizens who are really happy, able, conscientious, sympathetic, true and involved. It was proved that affection is essential to develop a better society and a significant change in educational quality.

**Keywords:** Affection, Interpersonal Relations, Significant Learning.



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>1 AFETIVIDADE .....</b>	<b>12</b>
1.1 A afetividade no pensar de Vygotsky.....	14
1.2 A afetividade no pensar de Henry Wallon .....	14
1.3 As contribuições da afetividade para a educação.....	15
<b>2 AFETIVIDADE NO PROCESSO DE MUDANÇA E QUALIDADE EDUCACIONAL. ....</b>	<b>18</b>
2.1 O gestor e a mudança educacional.....	21
2.2 O aluno e a mudança educacional.....	23
2.3 O professor e a mudança educacional. ....	24
<b>3 ANÁLISE DE DADOS.....</b>	<b>28</b>
3.1 Escola A .....	31
3.2 Escola B .....	33
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>36</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>39</b>
<b>ANEXO.....</b>	<b>42</b>

## INTRODUÇÃO

*A educação moderna está em crise, porque não é humanizada, separa o pensador do conhecimento, o professor da matéria, o aluno da escola, enfim, separa o sujeito do objeto. (CURY, 2003,p.139).*

A presente monografia tem como título, A Influência da Afetividade na Mudança e Qualidade Educacional, devido a, experiência vivida como pessoa e profissional na área de educação da Rede Municipal e particular na cidade de Sarandi, na qual atuo a 19 (dezenove) anos na docência, onde foi possível refletir e analisar os constantes problemas dos alunos e professores, dentre os quais a agressividade, baixa auto-estima, desmotivação e como consequência um rendimento abaixo do padrão desejado.

Pensando na situação problemática que se encontra a educação, fracasso escolar, dificuldade de aprendizagem, desmotivação de alunos e professores, evasão escolar, repetência, índices muito baixos do IDEB e na Prova Brasil, procurei basear minha pesquisa em analisar qual a influência da afetividade neste contexto. Já é amplamente reconhecido que a qualidade da educação se assenta sobre a competência de seus profissionais. Isto representa um desafio a ser assumido, pelos profissionais, pelas escolas e pelos sistemas de ensino. Como atender crianças argumentativas e desafiadoras, alunos com transtornos emocionais ou comportamentais, gestão de turmas difíceis, sem perder a ética, mantendo o emocional equilibrado e revertendo com afetividade estas situações?

Assim, o objetivo geral da pesquisa é Investigar a relevância das relações afetivas entre gestores, professores e alunos para a educação.

Portanto, nesta monografia, o trabalho consiste no levantamento e análise de dados no que se refere ao relacionamento afetivo gestor, professores e alunos de 7ª séries de uma escola da Rede Municipal de Ensino e uma escola Privada do Município de Sarandi. Trata-se de uma abordagem qualitativa, que foi desenvolvida com base em materiais já coletados no decorrer do desenvolvimento do projeto de pesquisa.

A relação entre todos os segmentos da escola deve acontecer “num clima” que facilite o educando aprimorar seus conhecimentos e expressar seus sentimentos, pois sabemos que uma das grandes necessidades humanas é a de amar e ser amado, e que todos nós desejamos ser aceitos incondicionalmente. Quando nos sentimos aceitos e amados dentro das nossas relações afetivas, criamos mecanismos que estimulam nosso desenvolvimento e

fortalecimento individual. Portanto, para que se instaure o respeito mútuo é preciso criar vínculos de reciprocidade na escola.

Desde o início de nossas vidas procuramos estabelecer vínculos com as pessoas que nos cercam. A intensidade destes pode gerar sentimentos de gratificação ou frustração que influenciam os aspectos cognitivos, emocionais e comportamentais de cada um de nós. Entretanto, vivemos numa sociedade onde muitas críticas são projetadas à escola: gestores e professores queixam-se da falta de interesse, de disciplina e desrespeitos dos alunos. Alunos criticam o autoritarismo e as aulas “sem graça” dos professores, pais reclamam da má qualidade de ensino, principalmente nas escolas públicas.

Tornar esse espaço, chamado Escola, agradável para professores e alunos não é uma tarefa fácil. Estudos apontam que a escola onde existe respeito e entusiasmo entre todos os segmentos proporciona o estímulo ao aprender e o desenvolvimento de potencialidades, e, acima de tudo, propicia um melhor aproveitamento escolar do que aquele que só se preocupa em reproduzir informação, desconsiderando os aspectos afetivos da relação, pois como nos diz Cury (2007), o aluno para amar a matéria que estuda, deve primeiramente amar seu professor, pois assim amará seus ensinamentos.

Morin (2002), enfatiza que a educação do futuro deve unir e não separar os conhecimentos e saberes. Dar importância ao indivíduo muito mais do que a racionalização. Essa é a resposta para algumas das perguntas atuais da educação.

Não somente a escola, mas a sociedade como um todo, deve voltar-se para o ser humano enquanto sujeito repleto de sentimentos. Assim a humanidade estará dando um novo passo para uma nova era, onde a formação intelectual e a formação emocional do educando andarão juntas. Caso contrário, corre-se o risco de enfatizar demais o cognitivo, formando estudantes altamente intelectualizados e "baixamente" equilibrados.

Como este trabalho exigiu respostas mais abrangentes, optei por uma entrevista semi-estruturada, além do mais, este tipo de pesquisa possibilita a correção de enganos, que muitas vezes não poderão ser corrigidos no caso da utilização do questionário escrito.

De acordo com Minayo (1999) a abordagem qualitativa não pode pretender o alcance da verdade, com o que é certo ou errado; e sim compreender a lógica que permeia a prática.

Para fundamentar a análise do tema da pesquisa, foram realizadas revisões de literatura através de pesquisas bibliográficas em artigos, livros, Internet e também uma pesquisa qualitativa em forma de entrevista com gestores, professores e alunos das 7<sup>a</sup> séries, buscando conhecer seus posicionamentos quanto à influência afetiva na mudança e melhoria da qualidade educacional.

O presente trabalho de monografia foi dividido em três capítulos, sendo que, o primeiro capítulo tem o propósito de rever a bibliografia da Educação com relação ao assunto “Afetividade,” e faz uma breve revisão na literatura de pesquisas empíricas realizadas por alguns pensadores.

O segundo capítulo inicia com a caracterização da Afetividade na Mudança e Qualidade Educacional e também é constituído de estudos realizados sobre a influência das relações afetivas, metodologias e práticas desenvolvidas que podem fortalecer o compromisso de cada indivíduo no processo educacional, desenvolvendo mais consciência de participação e comprometimento.

No terceiro capítulo, “Análise de Dados”, procede-se a análise e interpretação de dados obtidos mediante entrevista semi - estruturada.

# 1 AFETIVIDADE

A qualidade da educação no Brasil vem sendo discutida e tornou-se foco de muitas análises e questionamentos. A partir da criação do IDEB, que visa maior qualidade para o ensino brasileiro os resultados começaram a ser mais satisfatórios, pois além de nortear as políticas educacionais, identifica partes mais frágeis e fortes do sistema, que acaba por ajudar a planejar melhor a educação para todos e com qualidade. O IDEB incentiva as escolas e as redes municipais de ensino a se esforçarem e cumprirem metas, visando melhorias e qualidade na educação.

As Políticas Públicas como o PDE e as conferências internacionais, contribuem e vem para somar em ações educativas que buscam estratégias e formas diferenciadas para melhorar a qualidade da educação.

Houve alguma melhora, mas ainda há de se pensar em questões fundamentais para a qualidade de ensino, como a valorização dos professores e a motivação e desejo de aprender de nossos alunos. O prazer em aprender é fundamental para o processo ensino - aprendizagem. De acordo com a teoria de Henri Wallon<sup>1</sup> as interações que ocorrem no contexto escolar são marcadas, em todas as dimensões, pela afetividade, pois, afetividade e inteligência são consideradas como inseparáveis na evolução psíquica. (Almeida, 1999).

A escola é um campo fértil para o desenvolvimento dos campos afetivo e cognitivo, pois, seja através dos conflitos e oposições ou do diálogo e da interação, nela existentes, acontece a construção do processo ensino-aprendizagem. Entretanto, dependendo os aspectos afetivos são de fundamental importância para a construção da pessoa e do conhecimento humano. Afetividade e inteligência, apesar de terem funções definidas e diferenciadas, são consideradas como inseparáveis na evolução psíquica.

Entre o aspecto cognitivo e afetivo existe oposição e complementação. A escola é um campo fértil, onde essas relações se evidenciam o tempo todo, seja através dos conflitos e oposições ou do diálogo e da interação. Dependendo da atividade desenvolvida destacam-se mais o aspecto afetivo ou o cognitivo. Isso não quer dizer que estamos excluindo um ou outro, mas sim dando oportunidade de alternância para que um se retraia e o outro possa fluir, proporcionando assim, o crescimento individual.

---

<sup>1</sup> Nasceu na França em 1879. Cursou filosofia e medicina e ao longo de sua carreira foi explicita a afinidade com a educação. Paralelamente a atuação de médico e psiquiatra, consolida-se seu interesse pela psicologia da criança. Em 1925 publica sua tese de doutorado “A Criança Turbulenta” iniciando, assim, um período de intensa produção com todos os livros voltados para a psicologia da criança. Faleceu em 1962.

Segundo Almeida (2001, p.85) para Wallon os conflitos são essenciais ao desenvolvimento da personalidade, destacando que “o conflito faz parte da natureza, da vida das espécies, porque somente ele é capaz de romper estruturas prefixadas, limites predefinidos. O conflito atinge os planos sociais, morais, intelectuais e orgânicos”.

Dessa forma, o conflito emocional estimula o desenvolvimento, pois resolvê-los implica manter o equilíbrio entre razão e emoção, o que levará a um maior amadurecimento tanto da afetividade quanto da inteligência. Só há conflito onde há diferença e o homem sendo um ser múltiplo e diversificado não tem como evitá-lo.

Diferentes valores, experiências, concepções e culturas se misturam e fazem do cotidiano escolar uma rica e complexa estrutura de conhecimentos e de sujeitos. Este ambiente, essencialmente heterogêneo, confronta-se com uma estrutura pedagógica que reflete o padrão de sociedade e de homem onde a diferença é considerada uma forma negativa, gerando assim, uma pedagogia excludente, todavia, essa descrença de que a escola possa constituir-se num espaço de construção de conhecimento, de alegria, de formação de pessoas conscientes, participativas e solidárias, tem sido questionada pelos pais, alunos e sociedade. Os sentimentos em relação a Ela têm sido de desilusão, desencanto e impotência diante dos inúmeros problemas cotidianos.

Um dos problemas mais pertinentes refere-se, a “não aceitação do outro como um legítimo outro na convivência” (Maturana, 1999, p.23), essa falta de habilidade em lidar com os conflitos comuns ao convívio humano tem gerado problemas que implicam diretamente nas relações afetivas e emocionais.

Faz-se necessário encarar essas situações da vida escolar como um desafio a ser superado pelos gestores, professores e alunos, pois o próprio processo de ensino-aprendizagem visa estimular a capacidade reflexiva e a construção de uma visão global do conhecimento. Levando em consideração que o cenário educativo é espaço de desejos, afetos e conflitos presentes em todos os momentos na relação ensino - aprendizagem; é um espaço dialético, onde convivem autoritarismo e diálogo, oposição e interação, razão e emoção, é imprescindível que os conflitos gerados no ambiente escolar sejam encarados como possibilidades favoráveis ao desenvolvimento emocional e intelectual dos sujeitos envolvidos no processo ensino - aprendizagem.

Falar de afetividade é, de certa forma, falar da essência da vida humana no sentido em que o ser humano, social por natureza, se relaciona e se vincula a outras pessoas desde sempre, sendo feliz e sofrendo em decorrência dessas inter-relações. A valorização dos sentimentos e emoções está em alta em todos os setores da vida.

## **1.1 A afetividade no pensar de Vygotsky**

Os aspectos mais difundidos e explorados para Vygotsky (1991) são aqueles referentes ao funcionamento cognitivo: a centralidade dos processos psicológicos superiores no funcionamento típico da espécie humana; o papel dos instrumentos e símbolos, culturalmente desenvolvidos e internalizados pelo indivíduo, no processo de mediação entre sujeito e objeto de conhecimento; as relações entre pensamento e linguagem; a importância dos processos de ensino – aprendizagem na promoção do desenvolvimento; a questão dos processos metacognitivos. Vygotsky poderia ser considerado um cognitivista, pois se preocupou com a investigação dos processos internos relacionados à aquisição, organização e uso do conhecimento e, especificamente, com sua dimensão simbólica.

Vygotsky (1991) menciona que um dos principais defeitos da psicologia tradicional é a separação entre os aspectos intelectuais, de um lado, e os volitivos e afetivos, de outro, propondo a consideração da unidade entre esses processos. Coloca que o pensamento tem sua origem na esfera da motivação, a qual inclui inclinações, necessidades, interesses, impulsos, afeto e emoção. Nesta esfera estaria a razão última do pensamento e, assim, uma compreensão completa do pensamento humano só é possível quando se compreende sua base afetivo volitiva.

Na visão de Vygotsky (1991) a separação do intelecto e do afeto, enquanto objetos de estudo, é uma das principais deficiências da psicologia tradicional. Esta apresenta o processo de pensamento como um fluxo autônomo onde pensamentos pensam pôr si próprios, desconsiderando dessa forma as necessidades e os interesses pessoais, as inclinações e os impulsos daqueles que pensam.

## **1.2 A afetividade no pensar de Henry Wallon**

Na teoria de Henri Wallon (1975) a dimensão afetiva ocupa lugar central, tanto do ponto de vista da construção da pessoa quanto do conhecimento. Ambos se iniciam num período que ele denomina impulsivo - emocional e se estende ao longo do primeiro ano da vida. Neste momento a afetividade reduz-se praticamente às manifestações fisiológicas da emoção, que constitui, portanto, o ponto de partida do psiquismo.

Desta maneira, de acordo com Taille (1992) a caracterização que apresenta a atividade emocional é complexa e paradoxal, pois ela é simultaneamente social e biológica. A consciência afetiva é a forma pela qual o psiquismo emerge da vida orgânica – corresponde à sua primeira manifestação. Pelo vínculo imediato que instaura com o ambiente social, ela garante o acesso ao universo simbólico da cultura, elaborado e acumulado pelos homens ao longo da sua história. Dessa forma é ela que permitirá a tomada de posse dos instrumentos com os quais trabalha a atividade cognitiva.

Segundo Wallon (1989) a afetividade, nesta perspectiva, não é apenas uma das dimensões da pessoa: ela é também uma fase do desenvolvimento. O ser humano, ao longo da evolução, sempre demonstrou ser um ser afetivo. Da afetividade diferenciou-se, lentamente, a vida racional. Portanto, no início da vida, afetividade e inteligência estão sinteticamente misturadas, com o predomínio da primeira. A sua diferenciação logo se inicia, mas a reciprocidade entre os dois desenvolvimentos se mantém de tal forma que as aquisições de cada uma repercutem sobre a outra permanentemente. Ao longo do trajeto, elas alternam preponderância, e a afetividade reflui para dar espaço à intensa atividade cognitiva assim que a maturação põe em ação o equipamento sensório - motor necessário à exploração da realidade.

Para Wallon (1989) os conflitos são essenciais ao desenvolvimento da personalidade. O conflito faz parte da natureza, da vida das espécies, porque somente ele é capaz de romper estruturas prefixadas, limites predefinidos.

O conflito emocional estimula o desenvolvimento, pois resolvê-los implica manter o equilíbrio entre razão e emoção, o que levará a um maior amadurecimento tanto da afetividade quanto da inteligência.

### **1.3 As contribuições da afetividade para a educação.**

Precisamos considerar primeiramente que a educação não é um produto a ser comercializado e que a maior prioridade da escola é a formação da cidadania.

A educação, no seu papel social, não pode negar-se de firmar um compromisso sólido com a sociedade, no sentido de mostrar-lhe sempre novos caminhos. Muitos têm na escola seu centro principal de aprendizado e as relações de afetividade entre aluno e professor são indispensáveis para que realmente ocorra a aquisição do conhecimento. O artigo 2º da LDB,



situado no Título II – Dos princípios e fins da Educação Nacional, traz uma tríplice natureza para a educação:

Artigo 2º: A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

O papel da educação deve ser visto como um desafio da pós - modernidade, rompendo crises de paradigmas, os quais não são fáceis de serem percebidos, porém devem ser entendidos e revertidos, quando necessário. Os rumos da educação brasileira estão em discussão. O MEC, através da CONAE (Conferência Nacional de Educação), discutem temas relativos ao desenvolvimento da educação, garantindo sucesso escolar.

É freqüente ouvir dizer que um aluno não aprende por ter “problemas emocionais”. Na escola, a afetividade vem sendo debatida e defendida há alguns anos por psicólogos, pedagogos, psicopedagogos, profissionais da educação e saúde em geral. Porém, percebemos ainda uma grande defasagem em prestar um serviço profissional que alie suas técnicas próprias há uma interação eficaz de desenvolvimento de um relacionamento baseado no emocional. Professores e educadores que incluíram essa teoria no seu cotidiano apontam para os evidentes resultados positivos que conseguiram alcançar.

Estudos mostram que nos dias atuais se não trabalhar o afeto nas escolas, estas, jamais conquistarão o sucesso desejado. Quando os alunos são compreendidos e ajudados a lidar com os sentimentos negativos como raiva, tristeza e medo, professores e gestores constroem elos de lealdade e afeição. Aceitação, obediências e responsabilidade vêm do amor e da ligação que o aluno sente em suas relações na escola. As escolas se preocupam principalmente com o conhecimento intelectual e hoje podemos constatar que tão importante como as idéias é o equilíbrio emocional, o desenvolvimento de atitudes positivas diante de si mesmo e dos outros, aprender a colaborar, a viver em sociedade, em grupo, a gostar de si e dos demais.

Segundo Moran (2007) as relações afetivas são um componente básico do conhecimento e estão ligadas ao sensorial e ao intuitivo. As relações afetivas se manifestam no clima de acolhimento, de empatia, inclinação, desejo, gosto, paixão, de ternura, da compreensão para consigo mesmo, para com os outros e para com o objeto do conhecimento. A afetividade entre alunos, professores, diretores e comunidade, dinamiza as interações, as trocas, a busca, os resultados e melhora a comunicação, toca os participantes, promove a união. O clima afetivo prende totalmente, envolve plenamente, multiplica as potencialidades.

Ainda de acordo com Moran (2007) a educação deve surpreender, cativar, conquistar, encantar, entusiasmar, seduzir, apontar possibilidades e realizar novos conhecimentos e

práticas constantes, e que através da curiosidade, da imaginação, da criatividade e de atividades que tenham significados que se constrói o conhecimento. Fialho (2001, p.216) diz que "as emoções são os mecanismos que desencadeiam os objetivos no mais alto nível do cérebro."

Falar de afetividade e aprendizagem é falar da essência da vida humana, que por sua natureza social, se constrói na relação do sujeito com os outros sujeitos, num contexto de inter-relações. Ter a afetividade e a aprendizagem como tema implica enveredar por um caminho intrigante que envolve processos psicológicos difíceis de serem percebidos e desvendados. É ter a subjetividade como objeto de pesquisa, o dinamismo da vida individual e coletiva com toda a riqueza de significados dela transbordante. (MINAYO, 1999, p.15).

Sendo assim, através de todas as citações e estudos, podemos ter certeza que as relações interpessoais com afeto são fundamentais para toda e qualquer aprendizagem. O ser humano é movido pelas emoções e, sendo elas positivas, melhor será a resposta no desenvolvimento das potencialidades e habilidades.

Fazemos e aprendemos de verdade somente aquilo que nos dá prazer. Afeto é a chave para despertar prazeres tanto no ser humano, quanto nos animais.

## **2 AFETIVIDADE NO PROCESSO DE MUDANÇA E QUALIDADE EDUCACIONAL.**

Nas últimas décadas muitas coisas influenciaram a Educação. Uma delas foi a emancipação da mulher, antes maior responsável pela criação, cuidados e educação dos filhos. Hoje, a mulher deixa a sua casa e disputa, de igual para igual com o homem, o seu espaço no mercado de trabalho. As meninas já não brincam somente de bonecas e casinhas, as moças não sonham somente com um príncipe encantado, elas querem igualdade de deveres e direitos.

Com toda essa reviravolta, para quem fica a responsabilidade de educar? Para a escola? Sim. A escola vem assumindo papéis antes destinados à mulher e ao seio familiar. E, talvez por esse acréscimo nas suas obrigações, não esteja acompanhando o avanço social e não esteja cumprindo com o que pais e sociedade esperam dela: a completa formação do ser humano e cidadão.

“Sabemos que, a educação é rica em métodos, objetivos e finalidades sociais e que nenhum segmento leva em consideração o educando em seu todo”. (OLIVEIRA, 2000, p.13)

As relações estabelecidas no contexto escolar tem se revelado cada dia mais difíceis e conflitantes. A descrença de que a escola possa constituir-se num espaço de construção de conhecimento, de alegria, de formação de pessoas conscientes, participativas e solidárias, tem recrudescido. Os sentimentos em relação a ela têm sido de desilusão, desencanto e impotência diante dos inúmeros problemas cotidianos. Um deles refere-se às relações eu - outro, a não aceitação do outro como um legítimo outro na convivência (Maturana,1999, p.23), na inabilidade de se lidar com os conflitos comuns ao convívio humano, ou seja, questões ligadas à afetividade que integra a emoção, a paixão e o sentimento, presentes em todas as relações humanas. Esses e outros problemas estão presentes no chão da escola, e superá-los implica um desafio imbricado em questões políticas, econômicas sociais e pedagógicas.

A educação é complexa e as características e necessidades são diversas. A melhoria da educação é possível e desejável, por isso, se faz necessário refletir sobre processos de mudanças. A educação nada mais é do que um processo de contínuo desenvolvimento do ser humano. A escola é o centro da mudança.

De acordo com Murillo e Muñoz (2007) a mudança e qualidade educacional devem ser planejada e sistemática, coordenada e assumida pela escola, que procura aumentar a

qualidade através de uma mudança de processos de ensino e aprendizagem quanto da sua organização, levando em conta a importância das dimensões afetivas da ação pedagógica.

Só existe mudança, se houver motivação, as ansiedades da incerteza e as alegrias do domínio são centrais para uma mudança educacional obter sucesso ou fracasso. Na teoria de Piaget, a afetividade é caracterizada como instrumento propulsor das ações, motivando a razão que está ao seu serviço.

Segundo Saltini (1999), a educação escolar deve ser comprometida com a formação de pessoas livres, íntegras e criativas e ter como objetivo os princípios de igualdade, justiça e cooperação, e para este tipo de educação exige-se um educador competente, sensível e humanamente preparado e que tenha condições de estimular seus alunos a uma busca contínua de aperfeiçoamento e harmonia.

Saltini (1999), acrescenta que as escolas deveriam entender mais sobre seres humanos e de amor do que de conteúdos e técnicas educativas e acredita que a educação deve ser pensada não através de suas diversas disciplinas mas, como meio de promover a vida.

Muitos profissionais da educação pensam que o problema da educação se resolveria com a melhoria das salas de aula, bibliotecas, laboratórios, matérias pedagógicas, equipamentos de informática e audiovisuais. De acordo com Saltini (2002), as escolas têm contribuído em demasia para a construção de neuróticos por não entenderem de amor, de sonhos, de fantasias, de símbolos e de dores.

As questões afetivas no âmbito escolar e familiar devem ser consideradas com muito apreço, pois delas dependem a formação intelectual, moral, social e psíquica dos alunos.

Muitas vezes, pequenos detalhes são essenciais para a educação. O ser humano está fundamentado na conexão de seu sentir e de sua razão, nas suas próprias sensações e naquelas relacionadas ao contexto em que vive. A partir do sentimento e das percepções, vamos formando nossas experiências e nosso pensamento.

Se a educação é feita por uma inter-relação, essa relação não pode ser alicerçada apenas na base das informações, a educação escolar deve ser capaz de aliviar o sofrimento do homem moderno. O ato de educar deve estar a serviço do desenvolvimento e do bem-estar do homem. Devemos transformar as escolas em locais mais atrativos e gratificantes. Indicada duas vezes para o prêmio Nobel da Paz, a italiana Maria Montessori observou que o aluno aprendia mais num ambiente agradável com pessoas acolhedoras.

A escola deve ser um local repleto de fantasias, onde educandos, educadores, gestores, pais, e outros segmentos sociais acreditam em sua importância na construção, reconstrução e acondicionamento de uma sociedade idealizada. É na escola que muitos educandos encontram

sua família entre amigos, colegas e profissionais da educação. A escola é o referencial de segurança e esperança para muitas pessoas.

Gardner (1995, p.71) afirma que “Se decidimos abraçar os objetivos e os métodos da educação centrada no indivíduo, não tenho dúvida de que podemos fazer progressos significativos”.

Para Freire (1986) o querer bem não significa a obrigação a querer bem a todos os alunos de maneira igual. Significa, na verdade, que a afetividade não é assustadora, que não é preciso ter medo de expressá-la. Significa essa abertura ao querer bem o modo de autenticamente selar o compromisso com os educandos, numa prática específica do ser humano, separando como falsa a separação radical entre a seriedade docente e afetividade. Freire (1986) diz ainda, que não é certo, sobretudo, do ponto de vista democrático, que o professor será tão melhor quanto mais severo, mais distante e “cinzento”, colocando-se nas relações com os alunos, no trato dos objetos cognoscíveis que deva ensinar. A afetividade não se acha excluída da cognoscibilidade. Entretanto, o que não se pode permitir é que a afetividade interfira no cumprimento ético do dever de professor e no exercício da sua autoridade.

De acordo com Rossini (2001), componente importante do equilíbrio e da harmonia da personalidade, a afetividade domina a atividade pessoal, tanto instintivamente quanto nas percepções, na memorização, no pensamento, no desejo e na sensibilidade corporal devendo se dar por meio do trabalho com limites, do resgate dos mitos do cotidiano e do desenvolvimento do indivíduo em seus aspectos físicos, cognitivos e psíquicos. Uma criança bem estimulada afetivamente, ao chegar à vida adulta, terá uma capacidade maior de conviver com as fases negativas da vida com determinação e autoconfiança.

No entanto, neste mundo globalizado, onde cada um luta por si, para sobreviver, os valores vão sendo, pouco a pouco, esquecidos e a vida virando um caos. Precisamos, de acordo com Chalita (2003), deixar que, a fantasia e a energia da criança interior de cada um de nós, esteja sempre presente, ajudando-nos – pais e professores – a formar, informar, transmitir saberes e afeto para que não deixemos de ser humanos, capazes de sentir, de cuidar, de amar.

Para que possamos ter uma vida melhor, se faz necessário trabalhar e estimular nossa inteligência emocional, nas nossas relações interpessoais, com o objetivo de compreender e conviver melhor com os outros. Afinal, o afeto é indispensável para a construção de uma sociedade melhor.

## 2.1 O gestor e a mudança educacional.

Comenta-se o tempo todo sobre a afetividade professor - aluno, mas se esquece muitas vezes da afetividade entre os colegas professores, entre professor - direção, enfim de unir toda a equipe escolar. Ouve-se tanto que a culpa é dos professores, mas a melhoria da qualidade educacional depende também da infraestrutura que cerca os professores.

O movimento pelo aumento da qualidade da oferta de ensino, exige cada vez maior competência de uma gestão escolar, através dela é que a escola irá nortear suas práticas em metodologias que oportunizem aos alunos condições de aprendizagem através de reflexão crítica e aprofundamento do universo cognitivo, afetivo e social dos alunos.

Quanto mais complexa se torna a educação, mais sofisticada terá de ser a liderança. Complexidade significa mudança. No entanto, liderar numa cultura como a nossa, que parece cada vez mais especializar-se na inovação desenfreada, torna-se um dilema.

De acordo com Hunter (2006), liderar significa conquistar as pessoas, envolvê-las de forma que coloquem seu coração, mente, espírito, criatividade e excelência a serviço de um objetivo.

Para falar de um diretor, precisamos falar sobre democracia. Atualmente administrar uma escola não é apenas, reproduzir a administração que acontece em empresas capitalistas ou em modelos internacionais, que nada tem a ver com a situação real de nosso país.

Não basta que o diretor tenha o “poder” de coordenar a sua escola. Liderança não é algo que se impõe, mas um processo que se conquista com capacidade de trabalho, diálogo, participação de responsabilidades e certamente de “afeto”. Chalita (2001,p149) diz: “Respeito não se impõe, conquista-se”. “Sem afeto não há educação”.

Segundo Fortunati (2007), o gestor é o coração e a alma de uma escola, sua presença positiva ou negativa, possibilita uma escola mais atuante, mais motivada, com maior envolvimento da comunidade escolar na preocupação de construir um ensino de melhor qualidade.

-Entre os muitos fatores que dão forma ao tipo de pessoas e de docentes que os profissionais de ensino são, um dos mais importantes é o modo como as escolas e os seus diretores os tratam.

-Os professores que são desvalorizados, marginalizados ou desconsiderados tornam-se maus profissionais.

-Precisamos de valorizar e implicar mais os professores. Há sempre algo a valorizar em praticamente todos os docentes. Devemos identificar isso, reconhecê-lo e recompensá-lo.

- A mudança significativa e duradoura é lenta.(...) Trata-se de um processo que requer paciência e humildade por parte dos administradores. (FULLAN. 2001 Pp. 51 – 52)

Ainda segundo Fortunati, (2007), especialistas em administração escolar dizem que o clima organizacional de uma escola é um dos fatores decisivos para o bom funcionamento da escola. O diretor e sua equipe diretiva tem um papel determinante na sua definição e implementação.

A direção deve criar um ambiente onde o poder é compartilhado, onde os indivíduos são fortalecidos, onde os grupos são vistos como dignos de confiança e competentes para enfrentar os problemas. O papel do gestor nesse processo é de extrema importância, pois é de sua responsabilidade administrar os conflitos existentes entre professores, funcionários, pais e alunos, e fazer com que o clima interno seja agradável, permitindo um ambiente sinérgico e que prevaleça a união e a cooperação entre todos.

Para manter um clima agradável e sem manifestação de atritos, é necessário que todos deixem de agir de forma individualizada e passem a interagir como uma equipe, promovendo relações amigáveis e fazendo com que cada um procure cooperar com o outro, mas, para isso, é preciso que cada um faça a sua parte.

Como gestor, sua obrigação é atuar como um líder democrático que consiga fazer com que cada pessoa sob sua responsabilidade possa dar o melhor de si. Além disso deve intervir para que o professor se sinta motivado, para que o aluno se sinta feliz, para que o espaço de convivência seja agradável.(CURY, 2007, p. 178)

Conforme Fortunati (2007), para que possamos ter mudança significativa e qualidade educacional, é necessário que toda a escola seja gerida com competência, agilidade, criatividade e entusiasmo.

Uma boa ou má gestão educacional termina exercendo uma influência relevante sobre a possibilidade de acesso dos alunos às oportunidades da vida em sociedade, proporcionando mudanças e ou seja, uma boa ou má equipe diretiva pode ajudar o jovem a estabelecer uma relação diferenciada com os obstáculos que a vida real impõe a cada momento. (FORTUNATI, 2007. p.51).

Segundo Chalita (2001), o diretor da escola é um agente de motivação. Ele possui a responsabilidade de ser um guia, um parceiro e deve ajudar o professor a enfrentar os obstáculos com garra e superação. “Se remarem juntos, as possibilidades de chegar a algum porto seguro serão muito maiores.” (Ibid, p. 258)

O sucesso de um gestor depende das relações com as demais pessoas envolvidas no processo ensino - aprendizagem e a valorização de cada membro da equipe.

## **2.2 O aluno e a mudança educacional.**

O aluno tem um papel significativo para alcançar uma mudança educacional de qualidade. FIELDING (2001 apud FULLAN, 2009,p.169) diz que, “os alunos são agentes radicais da mudança.”

Vivemos em uma sociedade dita democrática, no entanto, o primeiro contato real de um indivíduo com uma instituição formal é antidemocrático. Temos que enxergar os alunos como participantes ativos da sua própria educação, e tratar o aluno como um membro sério da escola. A educação deve ouvir as opiniões dos alunos na introdução e na implementação de reformas nas escolas.

Fullan (2009) diz que uma educação bem - sucedida envolve os corações e as mentes dos alunos.

Os alunos precisam assumir sua responsabilidade pela sua aprendizagem, devem ser mais cooperativos, ter autonomia de acordo com o código ético, conquistando assim a liberdade de decidir, resolver situações e ir em busca de soluções.

Infelizmente as pesquisas apontam que a porcentagem de alunos que não apresentam envolvimento ou estão alienados são elevadas, e este número aumenta a medida que os alunos ficam mais velhos. Para que isto seja amenizado deve ser dado aos alunos oportunidades para serem questionados e desafiados a refletir e analisar sobre a aprendizagem, bem como fatores que possam influenciar na qualidade educacional.

Em pesquisas realizadas nos Estados unidos, pôr um programa que procura desenvolver estratégias e mecanismos para que os alunos do ensino médio participem e ajudem a criar novas direções para o envolvimento e a aprendizagem estudantis, concluíram que, combinar tarefas cooperativas e autênticas que desenvolvem habilidades e confiança, e ampliar o espaço para a influência estudantil, os processos envolvendo a voz dos alunos dão a



eles uma voz confiável, possibilitando que tenham um impacto sobre a escola a qual tem papel fundamental em suas vidas, e possibilita uma experiência valiosa para sua aprendizagem e para desenvolver confiança e liderança. Os alunos só terão sucesso na escola, no trabalho e na vida social se tiverem autoconfiança e auto - estima.

Daí a importância, já amplamente reconhecida, mas ainda pouco praticada, de deixar que o aluno, o conhecimento, a avaliação e a comunidade sejam protagonistas na hora de projetar as situações de ensino aprendizagem. (MURILLO e MUNÓZ, 2007, p.91).

De acordo com Chalita (2001), todos os alunos podem brilhar, em áreas distintas, de formas distintas; que acompanhado por educadores conscientes de seu papel, poderão crescer e encontrar caminhos de equilíbrio e de felicidade.

### **2.3 O professor e a mudança educacional.**

Chegou o momento de focar o educando de forma diferente e entender que os indivíduos aprendem de maneiras diferente, apresentam diferente configurações e inclinações individuais.

Segundo Sarason (1971 apud FULLAN, 2009,p. 131), se o ensino não se tornar animador ou significativo para os professores, como podemos esperar que ele se torne interessante para os alunos?

Os professores devem ampliar sua visão para lidar com a mudança, pois, se não o fizerem, continuarão sendo vítimas.

“A docência deve se tornar uma profissão altamente intelectual, além de altamente afetiva. Como ocorre sob circunstâncias sociais e políticas intensas, ela também é uma profissão que exige muita inteligência emocional”. (FULLAN, 2009, p. 143)

A afetividade entre professores e colegas promove melhor relacionamento, diálogos e troca de experiências, fortalecendo o nível de interação com os outros, proporcionando ajuda técnica e apoio.

Fullan (2001, p.51) diz que “as reformas rápidas (...) que são insensíveis aos aspectos mais vastos da vida e da carreira dos educadores e que não perspectivam o professor enquanto pessoa, têm poucas probabilidades de sucesso.”

As relações afetivas entre os professores de uma escola são muito importantes, afinal, quando os professores pedem e oferecem ajuda técnica uns aos outros, e a equipe diretiva ajuda na questão disciplinar dos alunos, os professores tendem a se queixar menos. O apoio e as interações com os colegas proporcionam aos professores a oportunidade de reconsiderar e revisar a sua prática de sala de aula com confiança.

De acordo com Fullan (2009) estudos realizados definiram a confiança como algo que consiste em quatro componentes: respeito, competência, respeito pessoal pelos outros e integridade. A confiança apresentou-se nas relações fundamentais entre todos os segmentos escolares. Sendo assim, escolas que apresentaram níveis elevados de confiança positiva, atingiram um processo de melhoria, ao contrário de escolas que apresentaram níveis inferiores de confiança. O apoio e as interações com os colegas

Estudos mostram que a confiança nas relações afetivas facilita as tentativas dos professores inovarem, envolverem os pais, e desenvolverem fortes vínculos pessoais com a instituição e maior credibilidade em sua missão.

O professor precisa desviar o olhar de si mesmo como docente para direcioná-lo aos seus alunos, ou seja, precisa aprender a reconhecer, respeitar, entender e amar seus alunos.

O amor é o alicerce social, mas nem toda convivência é social. O amor é a emoção que constitui o domínio de condutas que operacionaliza a aceitação do outro como um legítimo outro na convivência que conotamos quando falamos do universo social. Por isso, digo que o amor é a emoção que serve de alicerce ao universo social; sem aceitação do outro na convivência não há fenômeno social. (MATURANA, 1990,p.24.)

Conforme Morin (2002). o professor deve controlar bem suas emoções para que suas palavras e gestos tenham clareza, convergência e reforço, sem agredir. Assim, o aluno capta claramente a mensagem, concordando ou não, aceita mais facilmente. O professor equilibrado, aberto, encanta, pois, mostra claramente através de suas ações que é uma pessoa de bem com a vida, confiante, aberta, positiva, flexível, que é capaz de se colocar no lugar do aluno e entendê-lo.

“São os professores de sala de aula que dão luz e colorido ao dia a dia da escola e é por intermédio dessa preciosa mediação, que o processo de aprender e ensinar acontece”. (PAROLIN, 2009. p.7)

Assim, a formação de educadores e educadoras tem de ser considerada não apenas quanto à produção teórico - científica que embasa o conhecimento sobre a criança, mas, também quanto ao autoconhecimento. O preparo dos educadores implica o despertar de suas potencialidades, favorecendo a expressão de sua criatividade, de sua sensibilidade.

A afetividade é essencial para que um professor seja considerado eficiente. Afetividade é se preocupar com seus alunos, é reconhecê-los como indivíduos autônomos, com uma experiência de vida diferente da sua, com direito a ter preferências e desejos nem sempre iguais aos seus. É aceitá-los em suas diferenças e respeitá-los. É entender seus sentimentos, tendo sensibilidade para perceber que atrás de um aluno agressivo se esconde, muitas vezes, uma criança carente que se sente inferior às outras, desvalorizada, mal amada.

É necessário também observar que esta afetividade também deve partir da escola. Não o pieguismo característico do professor que encobre sua incapacidade com palavras carinhosas e gestos incoerentes, mas o professor que é mestre e que de fato mostra o caminho: o caminho da justiça, do dever, do conhecimento e da lealdade aos ideais e aos amigos. A escola que educa verdadeiramente preza por cuidar de cada educando como se fosse um filho seu orientando, analisando seus pontos fracos, ouvindo seus dilemas ou suas pequenas curiosidades. É a escola participante da família do educando

De acordo com Rossini (2001), a aprendizagem, como qualquer coisa da vida do ser humano, deve ser prazerosa, deve ser algo que estimule o ser em desenvolvimento a querer aprender sempre mais e com maiores detalhes. Quando a criança é estimulada com carinho e atenção para os estudos, incentivada pelos pais a realizarem as tarefas de casa, a frequentarem a escola fazendo dela uma continuação de seu lar e na escola; os professores e funcionários promovem um ambiente de confiança, fraternidade e de comunicação, a criança corresponde positivamente: ela aprenderá os conteúdos com maior embasamento e naturalmente se desenvolverá tornando-se um adulto feliz, consciente e saudoso de sua infância que passará os mesmos valores às gerações futuras.

Conforme Cury (2003) os professores precisam deixar de serem bons e se tornarem fascinantes para que suas aulas e conteúdos façam sentido e possam ser assimilados por seus alunos. Diz também que, é preciso humanizar o desmistificando a idéia de um profissional

sem sentimentos e emoções, cruzando as experiências e aprendizagens dele com a dos alunos, contribuindo assim para socialização, afetividade e valorização do "ser".

Já dizia Paulo Freire (1996), que mal se imagina a importância de um simples gesto do professor na vida do aluno. Chalita (2001, p. 258), diz: "O professor, a alma da educação, a alma da escola, o sujeito mais importante na formação do aluno."

Durante as aulas o professor deve deixar claro que será amigo do aluno, que a matéria é interessante e significativa e que durante o ano muito aprenderão juntos, com troca de idéias, experiências e conhecimentos. Geralmente os professores entram nas salas de aula já no primeiro dia armados com um discurso cheio de ameaças e autoritarismo, o que faz com que os alunos de início sintam-se agredidos e amedrontados.

O professor só conseguirá atingir seus objetivos se for amigo dos alunos. E se for amigo verdadeiro, terá todo o respeito porque um amigo respeita o outro. Se não for amigo, poderá se impor pela ameaça, abusando da prerrogativa que a posição de professor lhe confere o poder de dar uma nota baixa ou de reprovar o aluno. respeito não se impõe, conquista-se.(CHALITA. 2001,p.149).

De acordo com Oliveira (2000), apesar das mudanças que vem acontecendo no mundo, o professor continua sendo muito importante em todo o processo educacional. No entanto, ser professor é para poucos. Ser professor é lutar pela transformação do indivíduo, acreditar nos valores e em uma sociedade mais justa e igualitária.

Conforme Guarnieri (2005), o professor é um ser social, que como pessoa, age e sofre as ações de sua sociedade. O professor é um construtor de cultura e de saberes e ao mesmo tempo é construído por eles.

Finalizo com a frase de Augusto Cury: "Um excelente educador não é um ser humano perfeito, mas alguém que tem serenidade para se esvaziar e sensibilidade para aprender" (CURY, 2003, p. 17).

Professores, vocês não precisarão de sonhos para Ter eloquência, metodologia, conhecimento lógico. Nem precisarão de sonhos para gritar com seus alunos, implorar silêncio em sala de aula, dizer que não terão futuro se não estudarem. Mas precisarão de sonhos para transformar a sala de aula num ambiente prazeroso e atraente, que educa a emoção dos seus alunos, que os retira da condição de espectadores passivos para se tornarem atores do teatro da educação. (Cury, 2007, p.124)

### 3 ANÁLISE DE DADOS

A presente análise de dados foi desenvolvida com base nas pesquisas realizadas em duas escolas da cidade de Sarandi, RS, visando investigar a relevância das relações afetivas entre gestores, professores e alunos para a educação. As escolas estudadas são bem conceituadas entre a comunidade de Sarandi e possuem um número bem expressivo de alunos em relação a outras escolas da cidade. As duas escolas estudadas estão localizadas na zona urbana de fácil acesso.

Para garantir a privacidade das escolas analisadas fez-se necessário somente nomeá-las usando letras. Portanto ao nos referirmos às escolas usaremos a nomeação: escola A para Pública e escola B para escola Privada.

Para atingir os objetivos deste estudo buscou-se analisar escolas com realidades diferentes. Pesquisou-se uma escola da rede Municipal de ensino e outra escola Privada. Visando coletar o máximo de dados necessários para a realização da pesquisa foi construído um roteiro de questões no formato de entrevista semi - estruturada.

A opção pela entrevista semi - estruturada deve-se ao fato dela proporcionar maior abrangências e flexibilidade no assunto pesquisado possibilitando uma conversação entre o entrevistado e entrevistador.

Durante a análise procurou-se fundamentar e relacionar as respostas das entrevistas com o referencial teórico utilizado. A entrevista foi muito prazerosa de realizar, os entrevistados sentiram-se bem a vontade para participar e contribuíram de forma que possibilitou debates e reflexões sobre o tema abordado.

Nas entrevistas com os alunos foi possível perceber a importância do diálogo na sala de aula, a necessidade que o aluno tem de sentir que o professor se interessa por ele e também a importância que dão ao que chamaremos aqui de “bom humor” por parte do professor, definido de forma variada pelos alunos, mas como referência comum entre eles.

Encontramos depoimentos como esses: *“O que mais gosto na escola é o professor.”* (foram citados nomes de professores). *“Eles são legais, sabem lidar com os alunos, sabem dialogar com a gente. Nem todos sabem, a maioria é muito ignorante, tudo tem que dá patada, é só grosseria.”*(Aluno 2/Escola A)

*“Tem professor que chega na sala nem cumprimenta, nem fala com os alunos direito, não se comunica, é só, livro tal, página tal. Tem professor que não gosta da gente, faz cara*

*de nojo. Aí a gente perturba mesmo.*”(Aluno 3/ Escola A) Essa fala nos aponta para a necessidade que o aluno tem de ver o professor não somente como alguém que vai lhe transmitir conhecimentos e preocupado com as explicações sobre determinado conteúdo, mas como alguém que, comprometido com a ação que realiza, percebe o aluno como um ser importante, com idéias e sentimentos que podem ser partilhados com ele. Nesse processo de interação humana, de intercâmbio, o conhecimento estruturado do professor, sua forma de expressão mais formal, seus valores e concepções se misturam aos saberes não sistematizados e empíricos dos alunos, aos seus valores e linguagens próprios de seu ambiente cultural.

Ainda nessa perspectiva destacamos uma fala comum dos alunos de 7ª série entrevistados, em relação a um professor, indicando a forma como ele desenvolve a sua prática, mesmo por aqueles que consideram a matéria complicada e difícil: *“O professor explica muito bem, se a gente não aprendeu ele vai lá e explica de novo; o professor é muito bom, a gente pergunta e ele responde; o professor dá atenção pra gente.*”(Aluno 5/Escola A) Essa fala nos permite conhecer a valorização dos alunos ao professor que os escuta, que se preocupa com suas dificuldades e que entende que a aprendizagem não ocorre ao mesmo tempo e do mesmo jeito para todos. Reconhece que ele é um elemento importante de mediação entre o aluno e o conhecimento.

[...] Esse é o verdadeiro mestre: o que não castiga, mas impele, o que não doutrina mas desperta a curiosidade e acompanha, o que não impõe, mas seduz, o que não quer ser modelo nem exemplo, mas companheiro de jornada [...]. (LUFT,1997, p.157 apud PAROLIN, 2009, p. 44)

Entre todos os entrevistados, existe, duas coisas fundamentais para a melhoria e qualidade na educação, a idéia da motivação dos professores através de salários melhores e o comprometimento de cada um para com a educação. Nóvoa (1992) diz que, o aprender se concentra em dois pilares: a pessoa, como agente, e a escola, como lugar de crescimento profissional constante. Segundo, Chalita (2001), O Sistema educacional precisa se conscientizar que não são as grandes obras que farão os grandes alunos, é o grande professor que fará o aluno, por isso, os professores precisam de melhores salários, capacitação e cursos de qualificação.

Os relatos dos alunos sugerem que para haver mudança na educação, os professores precisam ser mais afetivos e ter menor carga de trabalho, pois acabam vindo para a escola

estressados por terem muitas turmas e muitas provas para corrigir. Dizem que, alguns professores até chegam animados, mas aí um colega faz uma gracinha, e aí acaba com toda animação e o professor acaba generalizando a todos da mesma forma. Segundo, Freire (2002), na relação educador - educando seria o respeito permanente que um deve sempre ter para com o outro. Esse respeito parte do compromisso firmado entre esses sujeitos quando inseridos conjuntamente no processo educacional.

*“Existe aluno que confunde “professor bonzinho”, com professor “permissível”. Comentário de uma aluna entrevistada”.* (Aluna 5/escola B)

“O professor que se busca construir é aquele que consiga, de verdade, ser um educador, que conheça o universo do educando, que tenha bom senso, que permita e proporcione o desenvolvimento da autonomia de seus alunos”. (CHALITA, 2001, p. 174).

Alguns alunos entrevistados colocaram que a educação é “uma cadeia sem fim”. Não vêem melhoras, pensam que sempre vai ser assim. Que uma ação é consequência de outra ação. Assim, de um lado, alunos estressados pela ausência de afeto familiar, e do outro lado, professores estressados, insatisfeitos com o salário e com as atitudes e comportamentos dos alunos.

Tanto alunos, quanto professores dizem que o diálogo é uma demonstração de afeto e torna-se fundamental, pois consiste no respeito aos educandos. De acordo com Chalita (2001) o aluno precisa do humano e que não podemos vencer a insensibilidade, a falta de respeito, a apatia, a não ser pelo afeto. Antes de julgar os alunos, o professor precisa refletir de forma consciente sobre a forma que ministra suas aulas.

Na questão nº 5 da entrevista, a qual questiona, como podemos tornar este espaço, chamado Escola, agradável para professores e alunos, todos respondem que a escola para se tornar num espaço agradável deve criar vínculos permeados de sentimentos e cumplicidade entre todos que nela convivem. (Alunos, Professores, direção e funcionários). Diz uma aluna: *“As aulas devem ter um significado para a vida do aluno, os professores também devem entender e aceitar que seus alunos trazem uma bagagem de conhecimento, dentro de sua cultura. Tem professor que não aceita que o aluno interrompa sua explicação para colocar um fato relevante sobre o mesmo assunto, mas que, complementa o assunto que está sendo abordado.”* ( Aluna 1/ escola B) Chalita (2001 p.176), “O professor só conseguirá fazer com que o aluno aprenda se ele próprio continuar a aprender.”

Precisarão de sonhos para serem poetas da vida e acreditarem na educação, apesar de as sociedades modernas a colocarem em um dos últimos lugares em suas prioridades. Precisarão de sonhos espetaculares para terem convicção de que vocês são artesãos da personalidade e saberem que sem vocês nossa espécie não tem esperança. (Cury, 2007, p.124)

### **3.1 Escola A – Pública : Entrevistados 05 professores**

**01 gestor**

**10 alunos**

Na escola A, a clientela é bastante mista em relação à classe social, sendo a maioria oriundos do próprio bairro no qual a Escola está inserida. A carga horária mínima é de 800 horas aula desenvolvidas em 4 horas diárias, totalizando 200 dias letivos.

A escola oferece uma ótima infra-estrutura, possui professores qualificados, sendo 80% deles pós- graduados. A direção da escola preocupa-se muito com a estética de suas dependências, pois, acredita que em um ambiente acolhedor, limpo e organizado, todos terão mais prazer.

A filosofia da escola é educar para a vida cidadã, que de acordo com o PPP, Plano político Pedagógico, compreende assegurar ao educando a formação e o conhecimento indispensáveis ao exercício da cidadania para agir e interagir no meio social, inserir-se no mundo do trabalho, progredir em estudos posteriores e principalmente, contribuir na construção de uma sociedade mais justa, solidária, humana e inclusiva.

O Plano Político Pedagógico da escola é bem elaborado e considera as características individuais de cada criança e adolescente como um ser social, levando em conta o histórico de vida, origem, linguagem, hábitos, costumes e valores, para que cada um seja valorizado e possa desenvolver sua autonomia, criatividade, criticidade, espírito de cooperação e solidariedade com os demais, integrando escola, família e comunidade.

Nesta escola as respostas não diferem muito da escola B. Tanto alunos quanto professores e diretores afirmam que a afetividade influencia sim na qualidade e mudança educacional. Percebe-se que nesta escola os professores estão mais preocupados em formar cidadãos mais críticos e afetivos, pois, a escola trabalha muito a ludicidade e o trabalho em equipe. Conforme o PPP, “se a escola não souber articular com sensibilidade a riqueza interior, a cultura, o que está intrínseco nos seus sujeitos o aprendizado será fragmentado ou deixará de ter significado.”



Os professores desta escola reforçam a questão do comprometimento do profissional de educação e é claro, pensam que os salários deveriam ser melhores, afinal, é grande a responsabilidades de um educador. Depoimento de uma professora ( Professora 2/Escola A): *“Acredito que tudo que for feito com afeto entre as pessoas pode modificar pensamentos e ações. O afeto desarma as pessoas, tornando-as mais acessíveis a mudanças e comportamentos.”*

Os alunos da escola A, expressam um vínculo de afetividade forte em relação à escola, gostam e falam muito bem da instituição de ensino que freqüentam. Dizem que alguns professores são muito bravos, não dão um sorriso, só querem saber de passar o conteúdo. Entre outras coisas, os alunos comentam que a escola oferece passeios e atividades que ajudam a estabelecer laços afetivos fortes entre professores e alunos e também com a família. E acrescentam: *“Até a diretora vai com a gente na excursão”*. (Aluno 3/escola A) Estes comentários dos alunos me fazem lembrar a classificação de tipos de professores que Augusto Cury (2007) faz em seu livro, Educação: a solução está no Afeto, quando ele coloca que existe professor arrogante, professor inseguro, lamuriante, ditador, bonzinho, desorganizado, professor oba-oba, professor livresco, professor tô fora, professor “dez questões”, professor tiozinho e professor educador.

A direção da escola, coloca que seu trabalho é baseado na confiança e no apoio mútuos, e no respeito pelo estilo próprio de cada um dos professores, pois, cada professor pode dialogar, expressar suas idéias e posicionamentos com liberdade. *“Trata-se de autonomia de atuação. Isso não significa que não existam conflitos e discrepância, porque, como todos sabem, nem sempre todo mundo concorda com as mesmas idéias.”* Diz a diretora da escola.

Acrescenta ainda, que, muitos professores não levam a sério sua profissão e por isso não desempenham um bom trabalho, e caso o diretor chame sua atenção, já se ofendem e ficam mal humorados. Por outro lado, alguns professores colocam que diretores esquecem que já estiveram em uma sala de aula, ou que voltarão para elas. Então, tratam os professores de forma hostil, sem afeto.

Podemos associar esta fala da diretora com as palavras de Murillo e Munõz (2007) que contam em seu livro sobre uma escola de Honduras, na qual, existe um plano de qualificação, denominado, “Acolhida a minorias”, o qual tem como objetivo, melhorar a resposta educacional que é entregue aos alunos e em conseguir um desenvolvimento integral de cada aluno, respeitando sua procedência social, cultural e étnica, além de suas peculiaridades

personais, para preparar sua adequada integração social e para desenvolver seu próprio projeto pessoal, com uma educação baseada nos valores.

A escola A, possui muitos problemas de alunos revoltados, carentes de afeto, com famílias desestruturadas, falta de comprometimento dos pais, e alunos sem perspectiva de futuro para suas vidas. O comodismo e a falta de entusiasmo, contamina àqueles que gostariam de ser mais entusiastas.

Os professores colocam que muitas vezes os alunos usam do bullying para desmotivar e fazer alunos dinâmicos e participativos fecharem-se. *A professora coloca: “São poucos os que tem vontade de estudar. Já ouvi de um aluno: Eu vou ser bandido profe!”*

Os alunos da escola A, assim como da escola B, reclamam de alguns professores. As reclamações sempre se baseiam no mau humor de alguns professores. Citam nomes e dizem coisas do tipo: *“Ele fica bravo com um, e acaba descarregando sua raiva em todos nós. Às vezes temos até medo de perguntar alguma coisa do conteúdo que não entendemos. Pior ainda, são os colegas que tiram “sarro” de nossa cara se a gente se mostrar interessado na aula”*.(Aluno 1/escola A)

A maioria dos alunos coloca que o que falta para a educação mudar é respeito. Se houver respeito, haverá carinho, amor e paz no ambiente escolar e conseqüentemente rendimento na aprendizagem, reduzindo significativamente o fracasso escolar.

Segundo Cury (2003,p.72), “Bons professores são mestres temporários, professores fascinantes são mestres inesquecíveis”.

### **3.2 Escola B – Privada - Entrevistados: Gestores 01**

**Professores 09**

**Alunos 12**

Na escola B os alunos são oriundos do centro da cidade e maioria pertence a famílias com um bom poder aquisitivo. Pode-se dizer que 99% dos professores da escola possuem Especializações.

A filosofia da escola é uma educação voltada à construção do conhecimento científico e tecnológico permeada pelos valores éticos em defesa da vida, da natureza e do mundo na superação de todas as formas de discriminação e opressão. Pratica educação libertadora, inclusiva, participativa, de qualidade e democrática. Assim, desenvolve-se como processo

permanente de formação de sujeitos autônomos, reflexivos, investigativos, críticos e éticos, com competência para interagir com os diversos saberes e acompanhar as mudanças desafiadoras que o mundo moderno impõe.

A escola B possui princípios de convivência escolar que acredita serem relevantes para o desenvolvimento de um ambiente favorável ao bom funcionamento interpessoal e a uma eficaz e efetiva aprendizagem:

- Autonomia: entendida como capacidade de entender e aceitar as regras e à construção e internalização de valores.
- Reciprocidade: aceitação e valorização de si próprio e do outro e respeito às diferenças.
- Cooperação: Significa cumprir o seu dever e ajudar o outro a cumprir seus objetivos.
- Responsabilidade: Ter consciência da realidade e assumir, livremente, a autoria de seus atos e as consequências.

A carga horária desta escola é maior do que a outra escola, e preocupa-se muito em preparar para o vestibular, vencer conteúdos e mostrar trabalho para os pais. A questão afetiva sempre é levada em consideração, no entanto, não é prioridade da escola. A escola existe para preparar o aluno para o sucesso profissional. Sua metodologia é ainda muito tradicional.

Entre os alunos, como em qualquer outra escola, se vê muita competição no quesito liderança. A grande maioria dos alunos desta escola são mais meigos e não são tão carentes quanto na escola A. Os professores podem preocupar-se mais com os conteúdos e menos com a relação afetiva, pois, os próprios alunos são mais conscientes de sua missão, respeitam mais o professor e buscam conhecimento extra classe.

Certamente, nesta escola também existem alunos intransigentes, rebeldes, teimosos, e emocionalmente abalados, no entanto, em relação a escola A, este número reduz bastante.

Durante os depoimentos dos professores houve muitos debates e reflexões, foi abordado a questão de nossos alunos serem bombardeados diariamente pela mídia, meios de comunicação, internet, os apelos pelo consumismo desenfreado, e eles tem que processar tudo isso. Então, chegam à escola onde os conteúdos são ditados sem motivação, resultado? Desinteresse e desmotivação, afinal, tudo lá fora é mais interessante. Os professores precisam ser afetuosos, criativos, ter paciência e compreensão com os alunos de hoje.

Nesta escola a direção possui um relacionamento amigável com os professores. Garante a eles uma autonomia. Incentiva a reflexão individual e coletiva sobre o que se faz e

como se faz. No entanto segue normas e padrões rígidos que devem ser seguidos e respeitados por todos, mesmo que nem todos concordam com isso.

Ao analisar a questão nº 04 da entrevista, a qual questiona se vivenciaram na escola alguma experiência afetiva que influenciou positiva ou negativamente, todos os entrevistados são unânimes em confirmar que já tiveram experiências afetivas positivas e negativas. Uma aluna disse que não gostava da uma disciplina porque a professora era muito estúpida, então substituíram a professora por motivo desconhecido, e ela passou a gostar da disciplina porque a professora nova era bem calma e respondia as perguntas dos alunos com interesse. Outro aluno disse ter “pena” de uma professora porque ela é muito legal, então, os colegas se prevalecem e ficam “avacalhando” com sua aula. Conclui: *“Eu ainda vou repreendê-los, não podem tratar ela desse jeito”*.(Aluno 7/Escola B)

Ainda na questão 04 um professor, colocou que pensa ser necessário mais parceria entre os professores desta escola. Tem colegas que não colaboram, são individualistas e se ofendem se você disser que um aluno é disciplinado em aula. Ele não aceita, acha que isso acontece porque você não exige. *“Tem professores que são estúpidos até com a gente, imagine numa sala de aula como são. Eu mesma tenho pena da turma onde ela vai entrar.”* Desabafa uma professora. (Professora 6/ Escola B)

Chalita (2001, p. 140) diz: “Talvez seja importante que o professor reveja sua relação com o grupo e analise onde nasceu o problema. Ninguém é indisciplinado à toa.”

Continuando na questão 04, que questiona as experiências afetivas vividas na escola, uma professora diz que tinha problemas de relacionamento com um aluno, então, o chamou para conversar, a partir disso, sua relação com ele melhorou e hoje além de professora se considera amiga dele.

Comentário da diretora da Escola: *“Certamente, o que falta na educação é trabalho mais dinâmico, criativo, envolvente e reflexivo. Onde o diálogo profissional sempre está presente no trabalho, apoiado na escuta, na confiança e no respeito pelo modo de ser e agir de cada professor. Mesmo que cada um tenha suas idéias divergentes, deve haver o interesse e desejo de se chegar a um consenso, para que assim, o grupo seja beneficiado.”*

Na questão 05, na qual questiona como podemos tornar esse espaço, chamado escola, agradável para professores e alunos uma das professoras entrevistadas, diz: *“Tratando-se todos com respeito, valorizando o trabalho de cada um, motivando através de diferentes estratégias para que desenvolvam ações interessantes, coerentes e que venham somar quer intelectual, emocional ou racional.”*(Professora 3/Escola B)

## CONCLUSÃO

Esta pesquisa buscou investigar a relevância das relações afetivas entre gestores, professores e alunos para a educação, em duas escolas do município de Sarandi, RS.

Após muitas leituras, pesquisas, entrevistas e as análises de dados das escolas envolvidas na pesquisa, percebeu-se o quanto é fundamental o “afeto” para a mudança e qualidade educacional. Segundo Chalita (2001), O grande pilar da educação é a habilidade emocional.

Sabemos que a educação só mudará o quadro em que se encontra atualmente e terá qualidade, quando cada um dos envolvidos no sistema educacional contribuir de forma humanizada. Diretores, professores e alunos, devem comprometer-se com a educação, precisam entender que a escola é “uma casa”, “um lar”, onde todos devem ser respeitados e amados, independente de suas diferenças, promovendo atividades prazerosas e significativas, tornando este espaço agradável para uma convivência harmoniosa.

Todos parecem ter soluções para questões educativas. Os professores, enquanto pessoas preocupadas com a educação precisam fazer um exercício de grande humildade. São tantas certezas, tantos dogmas, tantos escritos no jornal, tantas coisas ditas na televisão, e ditas muitas vezes por pessoas de referência nas suas áreas respectivas, muitas vezes na política, nas ciências, na arte, mas que quando falam de educação parecem esquecer tudo e dizem coisas sem sentido. Como se, de repente, todas as soluções consistissem em regressar a uma mítica escola de 30, 40 ou 50 anos atrás.

É cada vez maior a conscientização de que estamos vivendo mudanças profundas, mas também que ainda não somos capazes de entendê-las adequadamente, no entanto, a escola precisa refletir o momento histórico que estamos atravessando, considerando a diversidade como característica do sujeito em processo de constante transformação, a fim de oferecer uma educação de qualidade para todos, procurando, assim, superar os obstáculos impostos que muitos tem de aceitar o outro com suas diferenças.

É coerente afirmar que como educadores, temos responsabilidades pela situação na qual se encontra a educação. Faz-se necessário dar um novo enfoque a educação, tornando-a mais significativa e prazerosa para todos os segmentos que dela fazem parte. Nem sempre é possível realizar aquilo que queremos, há limites impostos pela legislação, pela administração, pela falta de recursos, pelo despreparo profissional e pela própria acomodação.

De acordo com Martins, Picosque e Guerra (1998, p.129) “É do educador que nasce o brilho dos olhos dos aprendizes. Brilho que também reflete o olhar do mestre.”.

Verificou-se que é preciso que os alunos, enquanto estão na classe, se sintam trabalhando em um lugar que tem sentido para eles, podendo assim se engajar na própria aprendizagem. O ambiente da sala de aula pode ser visto como uma oficina de trabalho de professores e alunos, um espaço estimulante e acolhedor, de trabalho sério, organizado e alegre. Parece bastante evidente na coleta de dados, que a partir do momento em que o professor for capaz de reconhecer as emoções de seus alunos (alegria, tristeza, medo, raiva, angústias, vergonha...) inevitavelmente, estará criando um canal extremamente fértil e acessível para a afetividade.

Outro aspecto fundamental a ser considerado neste contexto é que na análise dos dados coletados entre todos os entrevistados, existem duas coisas fundamentais para a melhoria e qualidade na educação, a idéia da motivação dos professores através de salários melhores e o comprometimento de cada um para com a educação. Nóvoa (1992) diz que, o aprender se concentra em dois pilares: a pessoa, como agente, e a escola, como lugar de crescimento profissional constante. Segundo, Chalita (2001), o Sistema educacional precisa se conscientizar que não são as grandes obras que farão os grandes alunos, é o grande professor que fará o aluno, por isso, os professores precisam de melhores salários, capacitação e cursos de qualificação.

Verificou-se também que as direções devem ter a sensibilidade de compreender os anseios dos professores, ajudá-los e proporcionar a eles sempre que possível, situações que os façam sentirem-se valorizados, amados e importantes para a escola.

Sendo assim, estamos cientes de que a questão educacional nunca se esgota e a cada parágrafo aqui escrito, uma nova proposta poderá surgir e despertar idéias, reflexões e novos caminhos. Este é o maior desafio àquele que se dedica a educar. Não podemos nos enganar. Mudar não é tão simples e não depende de um único fator. O que não podemos é cada um jogar a culpa nos outros para justificar a inércia, a distância gritante entre as aspirações dos alunos e a forma de preenchê-las na escola.

Conclui-se que é possível mudar se os administradores escolares investirem em formação humana dos educadores e alunos e que não existem fórmulas mágicas, num contexto tão difícil, porém com boas idéias e muito controle emocional é possível qualificar uma escola.

Como diz Augusto Cury (2007, p. 122), “Precisará de sonhos para enxergar soluções que ninguém vê, para apostar naquilo que crê, para encantar seus colegas, para surpreender sua equipe de trabalho”.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Ana Rita Silva. **A emoção na sala de aula**. São Paulo: Papirus, 2001.

BRASIL. PDE – **Plano de Desenvolvimento da Educação**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/pde>> acessado em 07 de maio de 2008.

CHALITA, Gabriel. **Educação: a solução está no afeto**. São Paulo: Editora Gente, 2001.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do amor: a contribuição das histórias universais para a formação de valores das novas gerações**. São Paulo: Editora Gente, 2003.

CURY, Augusto Jorge. **Pais brilhantes, professores fascinantes**. Rio de Janeiro: Editora Sextante, 2003.

\_\_\_\_\_. **Nunca desista de seus sonhos**. Rio de Janeiro: Sextante, 2007.

DAVIS, Cláudia. **Psicologia na Educação**. São Paulo: Cortez, 1994. – 2ª edição.

FERREIRA, Naura S.C. (org.). **Gestão Democrática da Educação: atuais tendências, novos desafios**. SP: Cortez, 1998.

FIALHO, Francisco. **Ciências da Cognição**. Florianópolis: Insular, 2001.

FORTUNATI, José. **Gestão da educação pública: caminhos e desafios**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

FULLAN, Michael. **O Significado da Mudança Educacional**. 4ª ed. Porto Alegre. Artmed, 2009.

FREIRE, Paulo, **Educação como prática de Liberdade**. São Paulo: Cortez, 1986.

GARDNER, Howard. **Inteligências Múltiplas**. Editora Artes Médicas, 1995.



GLATTER, Ron. **A gestão como meio de inovação e mudanças nas escolas IN:**

GUARNIERI, Maria Regina. **Aprendendo a Ensinar: o caminho nada suave da docência.** Editora Autores Associados: São Paulo. 2ª edição, 2005.

HUNTER, James C. **Como se tornar um líder servidor.** Rio de Janeiro: Sextante, 2006.

HARGREAVES, Andy; FULLAN, Michael. **Por que é que vale a pena lutar? O trabalho de equipe na escola.** Porto editora, 2001.

LDB- **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

LÜCK, Heloisa. **Planejamento em orientação educacional.** 17º ed. Petrópolis: Vozes, 2008

MARTINS, Miriam. Celeste Ferreira Dias & PICOSQUE, Gisa & GUERRA, Maria Terezinha Telles. **Didática do ensino da arte: a língua do mundo: poetizar, fruir e conhecer arte.** São Paulo, editora FTD, 1998.

MATURANA, Humberto. **Emoções e Linguagem na Educação e na Política.** Belo Horizonte: UFMG, 1999.

MDT. **Estrutura e Apresentação de Monografias, Dissertações e Teses.** 6ªed. Santa Maria: editoraufsm, 2006.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** 6. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

MORAN, José Manuel. **A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá.** 1ª ed. São Paulo: Editora Papirus, 2007.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2002.

MURILLO, F. Javier; MUNÓZ, Mercedes. **A Qualificação da Escola. Um novo enfoque.** Porto Alegre: Artmed, 2007.

NÓVOA, Antônio (org.). **Vidas de Professores**. Trad.: Maria dos Anjos Caseiro e Manuel F. Ferreira. Porto: Porto Editora, 1992.

OLIVEIRA, Tarsizo e Carla. **Erros e Acertos na Educação**. Santa Rosa. Editora Pallotti, 2000.

**PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS (PCNs)**. Brasília, 1998.

PAROLIN, Isabel. **Professor! A Formação do Professor Formador**. Curitiba, Editora Positivo, 2009.

**portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/conae/texto\_conae.pdf- Acesso em 29 de julho de 2010.**

ROSSINI, Maria Augusta Sanches. **Pedagogia Afetiva**. Petrópolis, Ed. Vozes, 3ª edição, 2001.

SALTINI, C.J.P. **Afetividade e inteligência**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

TAILLE, Yves de la, et al. Piaget, Vygotsky, Wallon: **Teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Summus, 1992.

VYGOTSKY, L.S. **A Formação Social da Mente**. 4ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

\_\_\_\_\_. **Pensamento e Linguagem**. 3ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

WALLON, Henri. **Psicologia e Educação da Infância**. Lisboa: Estampa 1975.

\_\_\_\_\_. **As origens do pensamento na criança**. São Paulo: Manole, 1989.

**-www.montessori.com.br - Acesso em 16 de julho de 2010.**

## ANEXO 01

# UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA PÓS-GRADUAÇÃO A DISTÂNCIA ESPECIALIZAÇÃO LATO SENSU GESTÃO EDUCACIONAL

## ENTREVISTA

Este questionário faz parte de um estudo de pós-graduação que busca investigar como as relações afetivas influenciam na qualidade e mudança educacional.

Por questões éticas, nenhum participante ou instituição escolar será identificado. Por isso peço-lhes a gentileza de responder as questões abaixo, com a maior sinceridade possível, sabendo que manteremos o máximo de sigilo em relação à identidade dos sujeitos envolvidos.

**Diretor**     **Professor**     **Aluno**

**Sexo:** Masculino       Feminino

**Escola:** A       B

1. Em sua opinião o que é necessário para haver mudança e qualidade na educação?
2. Como a afetividade pode interferir na vida do aluno, e do professor, a ponto de mudar a realidade educacional na qual vivemos hoje?
3. Por que atualmente as autoridades e especialistas em Educação, debatem constantemente a questão da afetividade, na qual em tempos anteriores a preocupação era apenas ensinar ou repassar conhecimentos?
4. Você já vivenciou na escola alguma experiência afetiva que influenciou positiva ou negativamente?
5. Como podemos tornar esse espaço, chamado Escola, agradável para professores e alunos?